

**LITERATURA NEGRA NOS ESTADOS UNIDOS**  
da "plantation" ao gueto, resistência e criação

*Alvaro L. Hattner*

A trajetória da literatura negra norte-americana, entendida como aquela por autores negros<sup>(1)</sup>, define-se basicamente entre dois polos históricos: a **plantation** e o gueto. Entre estes situa-se um ponto de extrema importância para a compreensão não só da produção literária negra nos EUA mas também de toda a história do país: a Guerra Civil (1861-1865). Este conflito representa efetivamente o marco inicial da história norte-americana. E a questão da escravatura, e por extensão os problemas do negro, afiguram-se como uma de suas causas menores.

A Guerra Civil constitui o momento de resolução de um processo de tensão com a própria colonização do país. Resolução esta que se faz pela integração do polo agrícola e do polo semi-industrializado, pela derrota (parcial) da men-

(1) Sobre a questão específica da adequação do termo "literatura negra", consultar BERND, Z. - Introdução à literatura negra. São Paulo: Brasiliense, 1988.

talidade aristocrática sulista diante da mentalidade capitalista industrial do norte, pela vitória do proteccionismo sobre o **laissez-faire**.

É também a Guerra Civil que inicia o processo de mudança do locus de inserção social do negro norte-americano, da **plantation** para os guetos urbanos, mudança que vai se consolidar com os grandes movimentos migratórios no fim do século XIX e início do século XX e que acarreta importantes transformações nas relações entre o homem negro norte-americano e o ambiente sócio-cultural que o rodeia.

Portanto, podemos utilizar a guerra civil como um demarcador cronológico que dividiria a evolução da criação literária negra nos Estados Unidos em dois momentos: o momento de inserção do negro no regime de **plantation**, em que o homem está socialmente posicionado na condição de escravo, e o momento de inserção do negro no gueto, onde a antiga condição de escravo adquire novas roupagens e a estabilidade na escala social determinada pela escravidão transforma-se em marginalidade.

Tomando-se o ano de 1619 como marco inicial da presença negra nos Estados Unidos, e percorrendo-se uma linha cronológica até o fim da Guerra Civil, temos quase dois séculos e

meio de experiência da escravidão. É essa experiência que vai determinar as primeiras manifestações de uma criação artística negra nos Estados Unidos. Isso se comprova, por exemplo, com as primeiras formas musicais afro-americanas, tais como as **worksongs** e os **spirituals**.

Mas as primeiras manifestações literárias negras nos Estados Unidos pouco ou nada tiveram a ver com os **spirituals**. Embora a experiência da escravidão determinasse os temas da maior parte da produção literária negra até a Guerra Civil, não podemos falar em uma "estética afro-americana" propriamente dita, uma vez que, do ponto de vista formal, todas as manifestações literárias do período pautam-se pelos cânones estéticos europeus.

Assim, A Narrative of the Uncommon Sufferings and Surprising Deliverance of Briton Hammon, a Negro Man ("Um Relato dos Notáveis Sofrimentos e da Surpreendente Libertação de Briton Hammon, Homem Negro"), possivelmente o primeiro texto de um homem negro publicado nos EUA (Boston, 1760), nada, mais é do que um relato de aventuras, esteticamente moldado pelo padrão dos relatos de viagem e de descrição, bastante comuns nos primórdios da literatura norte-americana.

Na verdade, os modelos formais da criação literária negra estavam sujeitos ao código de valores do público leitor branco, do qual os escritores negros dependiam, o que explica a presença maciça de estereótipos culturais nos primeiros textos desses autores.

A introjeção desses estereótipos pode ser percebida na obra de Phillis Wheatley (1754-1784), provavelmente a primeira poeta negra norte-americana. Vendida com sete anos de idade a John Wheatley, recebeu educação religiosa, aprendeu a ler e, além da Bíblia, teve contato com a literatura inglesa e a mitologia clássica, tendo conseguido publicar em 1770 o livro Poems on Various Subjects, Religious and Moral.

A poesia de Wheatley está ligada à tradição literária inglesa, em especial a Alexander Pope, mas também acompanha as tendências do início da evolução da literatura norte-americana, quando o caráter didático é a marca predominante da produção literária, e o texto poético e a pregação puritana fundem-se em um único discurso. Wheatley ainda vê a si mesma e aos outros negros pela ótica estereotipada da civilização branca, considerando o cristianismo, um dos sustentáculos ideológicos da escravidão, como um verdadeiro benefício. A leitura de "On Being

Brought from Africa to America"<sup>(2)</sup> , um de seus poemas mais famosos, pode confirmar o exposto:

"Twas mercy brought me from my **Pagan** land  
Taught my benighted soul to understand  
That there's a God, that there's a **Saviour** too:  
Once I redemption neither sought nor knew.  
Some view our sable race with scornful eye,  
"Their color is a diabolic die".  
Remember, Christians, Negrões, black as Cain,  
May be refin'd, and join th' angelic train.

Se Wheatley não pode ser lembrada como poetisa de formas próprias, e muito menos como porta-voz de um protesto negro, a qualidade de seus versos destrói a falsa e absurda idéia de uma relação entre cor da pele e excelência da criação literária<sup>(3)</sup>.

(2) In: LONG, R.A. e COLLIER, E.W. (eds.) - Afro-american writing: an anthology of prose and poetry. New York: New York University Press, 1972. p. 18.

(3) HASLAM, Gerald W. - "The awakening of american negro literature: 1619-1900". In: BIGSBY, C.W.E. (ed.) - The black american writer: poetry and drama. Baltimore: Pelican Books, 1971. p. 41-51.

O movimento abolicionista iniciado no século XVIII e a publicação do primeiro jornal negro nos EUA em 1827, o "Freedom's Journal", estimularam o surgimento de uma literatura de protesto e de diversos autores como William Wells Brown (1816-1864), David Walker (1785-1830), Samuel Ward (1817-1864), entre outros.

Se Brown pode ser considerado o primeiro romancista e dramaturgo negro, é Frederick Douglass (1817-1895) a figura de maior importância do período. Autor de três diferentes autobiografias (Narrative of the Life of Frederick Douglass (1845), "My Bondage and My Freedom" (1855) e Life and times of Frederick Douglass (1881-1892), editor de um jornal abolicionista, o "North Star" (de 1847 a 1860), ex-escravo (tendo fugido de Maryland para Nova York em 1838), Douglass é um dos expoentes do movimento abolicionista norte-americano e um dos precursores de W.E.B. DuBois ao defender a idéia de que a libertação do povo negro se daria pela ação política e não por mudanças de comportamento.

Excelente orador, convidado a fazer um discurso durante as comemorações do 4 de julho em 1852, Douglass expõe, por meio de perguntas retóricas, o significado da independência norte-americana para os negros diante de uma platéia

predominantemente branca:

Por que fui chamado para falar aqui hoje? O que tenho eu, ou aqueles a quem represento, a ver com sua independência nacional? Será que os grandes princípios de liberdade política e de justiça verdadeira incluídos na Declaração de Independência estendem-se a nós? (...) O que é, para o escravo americano, o Quatro de Julho? Eu respondo: é o dia que lhe revela, mais do que todos os outros dias do ano, as injustiças e crueldades brutais das quais é uma vítima constante.<sup>(4)</sup>

Como já dissemos, o fim da Guerra Civil marca o início da história dos Estados Unidos. Mas abolida a escravidão, estopim menor da guerra, a batalha do homem negro muda de campo, transferindo-se da **plantation** para os guetos. O grande fluxo migratório de populações negras em direção aos centros urbanos que ocorre nas últimas três décadas do século 19 desencadeia um processo de busca de expressão própria, de identidade, de auto-afirmação.

Essa é a proposta de W.E.B. DuBois (1868-1963), sociólogo, historiador, jornalista, líder negro, um dos fundadores da NAACP (National Association for the Advancement of Colored People) e um dos precursores do pan-africanis-

(4) Traduzimos o trecho a que se refere HASLAM, op. cit., p. 46-7.

a idéia de que todos os povos de ascendência africana tinham interesses comuns e deveriam atuar na luta por sua liberdade<sup>(5)</sup>. DuBois ta em direção à África para buscar raízes africanas, apoiando a luta do continente africano contra o colonialismo.

A partir das posições de DuBois, e de outros autores como Paul Dunbar e Alain Locke, acerca das questões de identidade e de afirmação de valores negros, surge a "Renascença do Harlem". Esse movimento, surgido na década de 20 no bairro novaiorquino, afigura-se como um "irmão não mais velho" da Negritude de Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor e outros intelectuais ligados às revistas Legitime Défense e Etudiant Noir<sup>(6)</sup>.

A Renascença do Harlem cataliza a busca e a descoberta de formas de expressão não vincu-

(5) Para um panorama mais amplo sobre o movimento, consultar DECRAENE, P. O pan-africanismo. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

(6) O pequeno livro de Zilá Bernd, O que é negritude (São Paulo: Brasiliense, 1988), pode ser uma boa introdução ao estudo de um tema tão polêmico quanto o da Negritude.

ladas aos modelos estéticos existentes, brancos e ocidentais. A tradição oral africana e a presença de uma visão de mundo contrária aos estereótipos vigentes marcam, entre outros fatores, o caráter desse movimento, que agrupou escritores, músicos, pintores e um grande público, negro e branco.

Nesse cenário destaca-se a figura de Langston Hughes (1902-1967), primeiro (e provavelmente único) escritor negro norte-americano a sobreviver apenas com os ganhos de sua carreira literária.

A poesia de Hughes é uma praça para onde convergem diversas vias: o lirismo, a denúncia, a amargura, o orgulho racial, a miséria (humana e social), a sensualidade, a ironia e até mesmo o humor. Acrescente-se a isso um trabalho formal profundamente influenciado pelas estruturas musicais afro-americanas como os blues e uma certa vinculação ao fluxo da tradição literária norte-americana, via Walt Whitman, e tem-se um pálido retrato desse que pode ser considerado o mais importante poeta negro dos Estados Unidos.

É de Hughes um dos melhores retratos poéticos da questão negra norte-americana, o poema

"Harlem" (7)

What happens to a dream deferred? O que acontece com um sonho adiado?

Does it dry up	Ele seca
like a raisin in the sun?	Como uma uva ao sol?
Or fester like a sore -	Ou apodrece qual ferida
And then run?	que vaza?
Does it stink rotten meat?	Ele fede como carne podre?
Or crust and sugar over -	Ou encrosta e açucara
like a syrupy sweet?	como doce melado?
Maybe it just sags	Talvez ele apenas afunde
like a heavy load.	Como um pacote pesado.

**Or does it explode?**

**Ou ele explode?**

Hughes deixa de ser apenas um "poeta negro" para atingir o universal em poemas como "Suicide's Note", onde a forma telegráfica lembra algumas das criações de Emily Dickson:

The calm,	O calmo
Cool face of the river	e tranqüilo rosto do rio
Asked me for a kiss	Pediu-me um beijo.

Ou quando, ao pensar poeticamente o particular, descreve uma cena comum ao cotidiano de trabalhadores negros e brancos em "Subway Rush Hour" (Hora do Rush no Metrô):

(7) Este poema e os seguintes foram traduzidos a partir das versões contidas em HUGHES, L.- Selected poems. New York: Vintage Books, 1974.

Mingled	Misturados
breath and smell	bafos e cheiros
so close	tão juntos
mingled	misturados
black and white	negros e brancos
so near	tão perto
no room for near	sem espaço pro medo

Mas se por um lado a euforia criativa da Renascença do Harlem abriga autores como Hughes, Claude McKay e Jean Toomer, a crise de 1929 vai aguçar os problemas sociais dos negros e o racismo dos brancos.

As imagens e problemas concretos derivados da crise vão ser retratados magnificamente por Richard Wright em Native Son (1940), que podemos considerar a contrapartida urbana dos romances sociais de John Steinbeck, em especial The Grapes of Wrath e Of Mice and Man, marcando um ponto de confluência entre autores negros e brancos e mais uma vez integrando a especificidade da literatura negra ao fluxo da literatura norte-americana como um todo.

Wright é tão importante para a literatura negra dos EUA na década de 40 quanto serão Ralph Ellison (autor do The Invisible Man) na década de 50 e James Baldwin na de 60.

O protesto e a denúncia contra o racismo continuam sendo objetivos da poesia negra nor-

te-americana, em especial na década de 60, quando esses temas estarão articulados diretamente com o momento histórico vivido pelos poetas. Veja-se, por exemplo, o poema "Vietnam n. 4"<sup>(8)</sup>, de Clarence Major:

a cat said	um negro disse
on the corner	numa esquina
the other day	noutro dia
dig mau	saca, cara
how come so many	como pode tantos
of us	de nós
niggers	negros
are dying over there	'tarem morrendo lá
in that white	naquela guerra
man's war	do homem branco
they say more of us	dizem que tá
are dying	morrendo
	mais gente nossa
than then peckerwoods	do que aqueles china
and it just	e isso
don't make sense	num faz sentido
unless it's true	só se for verdade
that the honkeys	que os branquelo

(8) Traduzido da versão publicada em CHAPMAN, A. (ed.) - New black voices - an anthology of contemporary afro-american literature. New Jersey: New American Library, 1972. p. 299.

are trying to kill us out	tão tentando matá a gente
with the same stone	com a mesma pedra
they killing them other cats	que visam pra matá
with	aqueles cara
you know, he said,	sabe como é, disse ele,
two birdswith on stone	dois pássaros com uma pedra só.

Hoje, a literatura negra nos EUA volta ao tema da escravidão. Autores como Alice Walker e Toni Morrison vão buscar nos relatos de escravos a especificidade da experiência negra norte-americana. Fecha-se um ciclo: mais de trezentos anos de expressão literária. Um razoável número de autores foram canonizados, outros são desconhecidos até para o público leitor negro.

A literatura negra norte-americana, enquanto afirmação de identidade cultural, é exemplo perfeito de uma **literatura de resistência**. Resistência aqui significando a luta pela inversão do valor de signos marcados pelo preconceito. Significando também a sobrevivência no ambiente hostil de uma estética autoritária e racista. A existência dessa literatura é a prova inquestionável de que resistência, em qualquer acepção ou contexto, é sinônimo de criação.